

RIO SÃO FRANCISCO E FEIRA LIVRE DE PENEDO-AL: LIMITES E POSSIBILIDADES ENQUANTO ATRATIVOS TURÍSTICOS CULTURAIS

Helia Camilo Alves de Souza¹
Jacilene Barbosa dos Santos²
Silvana Pirillo Ramos³

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar os limites e possibilidades para o desenvolvimento da feira livre do município de Penedo-AL como atrativo turístico cultural ribeirinho. Os fatores ambientais, culturais, econômicos, sociais e estruturais configuram os limites que inviabilizam o desenvolvimento do turismo cultural. O procedimento metodológico adotado refere-se a estudo bibliográfico e documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas com os feirantes e o poder público a fim de identificar as possíveis lacunas frente ao desenvolvimento do turismo cultural. Realiza-se uma avaliação do cenário atual da feira livre, sua ligação com o Rio São Francisco e o turismo. Conclui-se que a feira apresenta um significativo potencial para impulsionar o desenvolvimento do turismo cultural no município de Penedo, sendo que as possibilidades estão relacionadas ao planejamento de um roteiro turístico que contemple o rio São Francisco e a feira livre com seus múltiplos "saberes e fazeres", tendo como base a integração entre poder público municipal, iniciativa privada e população local.

Palavras-chave: Turismo cultural; Rio São Francisco; Feira- Livre.

SÃO FRANCISCO RIVER AND THE STREET MARKET IN PENEDO-AL: LIMITS AND POSSIBILITIES AS CULTURAL TOURISTIC ATTRACTIONS

ABSTRACT

This study aims to present the limits and possibilities for the development of the street market at the city of Penedo-AL as a cultural tourist attraction riverside. Environmental, cultural, economic, social and structural factors shape the boundaries that prevent the development of cultural tourism. The methodological procedure adopted refers to the bibliographical and documentary study, participant observation and semi-structured interviews with the vendors and the government in order to identify possible gaps against the development of cultural tourism. An assessment of the current situation of the free market, its connection with the Rio São Francisco and tourism will be held. We conclude that the fair presents a significant potential to boost the development of cultural tourism in the municipality of Penedo, and the possibilities are related to planning a sightseeing tour that includes the San Francisco River and the street market with its multiple "knowledge and doings", based on the integration of municipal government, private sector and local people.

Keywords: Cultural Tourism; Rio São Francisco; Street Market.

JEL: Z32

¹ Pesquisadora do Curso de Graduação em Turismo pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL. E-mail: helia.camilo@hotmail.com. (82) 9-9657-1562.

² Pesquisadora do curso de Graduação em Turismo pela Universidade Federal de Alagoas- UFAL, informante de turismo da AITP (Associação dos Informantes de Turismo de Piaçabuçu). Membro da Associação dos Informantes de turismo Pedagógico de Penedo- AITPP <jacylene.barbosa@hotmail.com>

³ Doutora em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Associada da Universidade Federal de Alagoas (Unidade Penedo) <silvanapirillo@uol.com.br>



1 INTRODUÇÃO

A cidade de Penedo-AL tem sua história ligada à exploração do rio São Francisco, por ser uma cidade portuária sua economia sempre esteve atrelada a prática da atividade comercial. O ato de troca e venda de produtos constituiu o fator determinante, para que ao longo dos anos fosse reservado um espaço para essa comercialização, a feira livre. Inicialmente, o transporte era basicamente fluvial, as mercadorias eram trazidas em embarcações de pequeno porte e comercializadas as margens do rio São Francisco.

Atualmente a feira ocupa dez ruas do centro histórico da cidade e apresenta-se com o espaço propício para despertar a curiosidade de turistas, que tem a cultura local como principal motivação para imprimir uma viagem. No entanto, a atividade turística relacionada ao patrimônio cultural da feira livre de Penedo, assim como do rio São Francisco não são desenvolvidas efetivamente. Em virtude disto, esse estudo objetiva apresentar os limites que inviabilizam o desenvolvimento do turismo cultural no rio São Francisco, bem como da feira livre de Penedo AL, pretende-se ainda apontar as possibilidades e entender a lacuna entre potencial e a concretização do produto turístico cultural.

Para a realização das considerações que este estudo contempla, o procedimento metodológico utilizado se refere a estudo bibliográfico e documental acerca da temática rio São Francisco e feira livre da cidade de Penedo- AL; observação participante, a fim de visualizar a relação que a população local tem com o processo de “fazer a feira” e o feirante tem com o cotidiano de “vender na feira”, a complexidade e limitação do espaço frente ao turismo cultural, bem como, a caracterização das práticas culturais existentes.

Foram realizadas 10 entrevistas semiestruturadas, com os feirantes mais antigos (com mais de 30 anos atuando na feira), a fim de entender a importância da feira livre de Penedo, resgatar acontecimento e fatos relevantes que culminaram para as transformações atuais do rio quanto da feira e apreender as percepções sobre a atividade econômica do turismo para esses feirantes. Bem como, entrevistas junto ao poder público municipal na pessoa de Pedro Soares da Silva Neto (Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio, Meio Ambiente, Ciências e Tecnologia) a fim de entender a relação entre rio São

Francisco, feira livre da cidade de Penedo AL, seus respectivos feirantes e os gestores municipais, frente ao turismo cultural.

2 ORIGENS DAS FEIRAS LIVRES

As feiras livres tiveram sua oficialização, segundo Almeida (2009) na Idade Média, seu surgimento deu-se de forma natural em virtude principalmente dos excedentes de produção. De acordo com Huberman (1981) nesse período a vida econômica ocorria sem muita utilização de capital, o que se necessitava consumir provinha dos feudos, estes eram praticamente autossuficientes. Todavia, alguns produtos que excediam em um feudo faltavam em outro, a partir daí surgiu o intercâmbio de mercadorias. Nesse contexto, o intercâmbio foi intensificado com as grandes navegações, estas, tinham por objetivo descobrir novas rotas comerciais a fim de expandir o comércio oriental e ocidental.

“Portugal e Espanha foram os primeiros países a sair ao mar em busca de novas rotas comerciais” (MAIA, 1999 p. 247). Dessa forma, os portugueses liderados por Pedro Alvares Cabral chegaram ao Brasil na esperança de encontrarem pedras preciosas e especiarias bastante valorizadas na Europa. No entanto, se depararam com índios que segundo Fausto (1996) produziam basicamente para satisfazerem as suas necessidades, havendo poucas trocas de gêneros alimentícios com outras aldeias. Entretanto, as origens das atividades de troca de produtos no Brasil têm seu marco inicial nos produtos ofertados aos índios pelos portugueses, segundo Araújo (2010) os colonizadores trocavam produtos com os índios por animais inicialmente, depois pau-brasil e a metrópole comercializavam pelos países da Europa.

Atraídos por essa proposta de comercialização, vários navegadores aventuravam-se ao mar. Em uma das expedições para reconhecimento da costa brasileira, segundo a CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do Rio São Francisco e do Parnaíba), no dia 4 de outubro de 1501 Américo Vespúcio adentrou a foz de um rio que batizou por São Francisco em homenagem ao santo do dia, São Francisco de Assis. Posteriormente, nos séculos XVII e XVIII, serviu como rota de interiorização das Bandeiras, sendo denominado de “Rio da Unidade Nacional”.

Segundo Godinho e Godinho (2003), o rio São Francisco tem sua nascente localizada no Parque Nacional da Serra da Canastra, no sudoeste do estado de

Minas Gerais, banha cinco estados sendo Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

O rio São Francisco, ao longo do tempo, conseguiu atrair indígenas, historicamente os primeiros habitantes de suas margens, e colonizadores europeus, favorecendo a troca de mercadorias e foi responsável pela edificação de várias cidades ao longo do seu curso, a exemplo, a cidade de Penedo localizada ao sul do estado de Alagoas com uma “população de aproximadamente 60.378 habitantes é um relicário vivo, que conserva um patrimônio artístico - cultural de grande valor” (IBGE, 2010). As influências dos colonizadores podem ser encontradas na arquitetura de casarios, conventos e igrejas.

Em virtude de toda a sua importância, foi tombada como patrimônio histórico e artístico- cultural, em 18 de dezembro de 1995 com a portaria 169 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN, Ramos (2012), com o intuito de salvaguardar o patrimônio que a cidade de Penedo dispõe. Esse patrimônio artístico cultural torna-se importante não somente por seu valor histórico, mas, sobretudo por abrigar no contexto de cidade em desenvolvimento as atividades primárias que lhe deram origem, a feira livre. Segundo Zambi (2010), a centenária feira de Penedo se confunde com a própria história da cidade. Essa afirmativa evidencia a relação intrínseca entre rio São Francisco, Penedo e feira livre.

A feira livre da cidade de Penedo-AL, bem como o rio São Francisco detém potencial para o desenvolvimento de vários segmentos do turismo cultural, definido pelo Ministério do Turismo (2005), como as atividades turísticas que relacionam a valorização dos bens materiais e imateriais da cultura, no entanto o município permanece estagnado no que se refere ao desenvolvimento do turismo.

3 FAZENDO A FEIRA EM PENEDO

A feira livre da cidade de Penedo se apresenta todos os dias no arranjo tradicional que compõe e atribui vida a paisagem urbana que constitui, mas é no sábado que essa vida se intensifica. O ir e vir dos passos acelerados dos feirantes montando suas barracas, selecionando e expondo os produtos sobre a banca configura-se os primeiros movimentos de um dia de feira.

A feira de Penedo comporta uma diversidade de elementos, estáticos e dinâmicos, eles se complementam dando forma, moldando e transformando o espaço em vários territórios, esses territórios se dividem ao longo de dez ruas do centro histórico da cidade que a feira livre ocupa distribuindo, segundo dados fornecidos pela Secretaria de Agricultura do município, 1.000 bancas aos sábados. Ainda que não tenham nenhuma delimitação por muro ou qualquer barreira física, para separar os territórios que a feira engloba, percebe-se que existem barreiras abstratas que são respeitadas pelos atores conhecidos como feirantes, a divisão espacial se dá a partir da organização que tem como objetivo facilitar a compra do cliente, mantendo as mercadorias separadas por ruas e elementos do mesmo gênero.

A venda na feira é uma tradição familiar transmitida de geração para geração. Os feirantes de hoje foram as crianças de outrora que os pais levaram para fazer a feira. Essas pessoas atraídas pela dinâmica da atividade, pela geração de renda que ela proporciona e pela tradição familiar resolveram continuar a trilhar o caminho de seus pais e avós. Essa escolha evidencia a identidade cultural e sentimento de pertença pela atividade exercida. Como bem protagoniza Neide (Vendedora de frutas).

“Minha mãe vendia carvão, frutas em casa e meu pai quando eu fui crescendo comprava um pouquinho de banana e eu ficava vendendo na porta do mercado, depois eu casei e sempre continuei vendendo. E tudo o que eu tenho agradeço primeiramente a Deus e depois a feira”.

Pouco a pouco começa a aparecer o personagem principal para quem o cenário foi preparado, o freguês. Este é atraído pelo cheiro, pela cor, limpeza e organização da banca, pelas jocosidades dos feirantes e ainda as estratégias de vender pelo menor preço. Os feirantes buscam estratégias não somente para atrair e fidelizar os seus clientes, mas também, torná-los mais próximos de sua realidade, mais compreensivos e amigos.

Embora a relação feirante e freguês se desenvolvam em um espaço de compra e venda de produtos não se restringe a comercialização, especialmente pelos feirantes executarem essa tarefa há muitos anos e por conseguirem construir laços que possibilitam a preferência de seus fregueses frente a várias bancas que vendem o mesmo produto. Isso se dá principalmente pela tradição transmitida de pais para filhos. Os pais costumam levar seus filhos para fazerem a feira, a

preferência dos pais pela banca que vende a carne, o peixe e a verdura, por exemplo, será posteriormente a escolha do filho quando este receber a incumbência de fazer a feira, ou ainda, quando constituir sua própria família.

É comum os pais levarem os filhos para fazerem a feira, e esse ambiente de comercialização também se apresenta como um espaço propício ao aprendizado. O colorido das frutas, o cheiro, a escolha através do toque e a degustação possibilitam que as crianças, por exemplo, conheçam e participem da seleção de produtos que posteriormente farão parte de sua alimentação.

O olhar da criança, descompromissado, tal como um turista alheio ao território, em um lugar de fluxo constante, consegue enxergar e valorar elementos que os olhos acostumados dos feirantes não mais valorizam, essa característica faz do simples ato de fazer a feira, um acontecimento que pode possibilitar uma experiência enriquecedora.

As crianças vão aos poucos se familiarizando com o ambiente da feira e construindo uma identidade. Ao crescerem, o costume de ir à feira e ver a diversidade de produtos ali encontrados, bem como as sensações que esse ambiente exprime, constituirá o elo capaz de fazê-las repetir os hábitos e transmitir a tradição de realizar suas compras na feira, tal como seus pais o fizeram e possivelmente aos seus filhos, farão.

A feira através de sua originalidade tem potencial para atrair turistas que desejem experienciar à cultura do outro, esse ambiente pode proporcionar uma rica troca de conhecimento, favorecendo a interação entre visitante e visitado e fortalecendo a identidade cultural de ambos. Todavia, é raro encontrar turistas na feira livre de Penedo-AL, uma vez que se trata de um ambiente dinâmico, ou seja, está repleto de constantes mudanças, e atualmente apresenta-se pouco organizado, carente de readequação e estruturação do espaço. A paisagem é uma das ferramentas utilizadas para atrair turistas a visitar uma determinada localidade, no tocante, a diminuição de turistas na feira se dá especialmente pela desordem e precariedade que esse espaço evidencia.

Na feira, a aparência do produto é fundamental para a realização da compra, sabendo disso, os feirantes têm a preocupação de mantê-lo separado uns dos outros, empilhado e quando necessário, regá-lo, para preservar a cor e torná-lo mais atraente aos olhos do freguês, de modo que desperte o interesse pela compra.

Os fregueses da feira de Penedo-AL chegam cedinho, por volta das cinco da manhã, com sacolas vazias nas mãos ou ainda com seus carrinhos começam a circular pelas ruas, passando por entre as bancas, parando, observando, perguntando os preços, pechinchando e comprando.

A feira contracena com lojas, supermercados, açougues, peixarias, restaurantes e vários empreendimentos que compõem sua paisagem. De acordo com Santos (2008), paisagem é tudo o que a vista alcança. Tuan (1980) vai mais além, segundo o autor a paisagem é percebida através dos sentidos e não só pela visão, a feira oferece estas características, uma vez que a paisagem pode ser vista sob o olhar da multidão e ao mesmo tempo sentida através de aromas e dos sabores.

O freguês deficiente visual, por exemplo, pode definir a paisagem a partir do cheiro, toque e pela audição ao ouvir os gracejos dos feirantes para atrair à atenção de outros fregueses e até mesmo pelo movimento das pessoas ao transitarem de um lado para o outro.

A paisagem acompanha a dinâmica da feira sofrendo com as mesmas modificações constantes; no início, ao raiar do sol as bancas estão coloridas, com as mercadorias mais frescas e o espaço da feira com menos pessoas a circular, com o passar do tempo o movimento se intensifica, as bancas ficam menos arrumadas, os ruídos aumentam e ao chegar próximo do final, a feira está transformada, com uma paisagem completamente diferente do início, a sujeira é a vedete principal num cenário de desordem, as coadjuvantes todas murchas e queimadas pelo sol, pobres hortaliças vão ter como destino o lixo.

Dentre as dez ruas da feira livre da cidade de Penedo-AL, existem as de maior circulação devido aos produtos que são expostos, a rua Campus Teixeira, por exemplo, abriga grande parte de produtos do gênero alimentício como as frutas que aromatizam a rua com seu cheiro, as verduras enfeitam com suas cores, os legumes e hortaliças com seu verdume e os tubérculos com suas formas.

Na transversal, existe o mercado da carne em condições precárias, há problemas de infraestrutura básica como a ausência de lixeiras, as bancas são de madeira, inapropriadas para a comercialização e o local é apertado. Anteriormente nesse espaço funcionava um depósito de bebidas, atualmente, preenchido segundo dados da Secretaria Municipal de Agricultura com 87 bancas, é o lugar onde a

população penedense pode comprar a carne bovina, suína, carne salgada, vísceras e frango.

Encontra-se também uma peixaria e um competitivo congestionamento de carrinhos de mão com crianças e adolescentes que se oferecem para levar as compras dos fregueses em troca de alguma contribuição monetária. Nem sempre agrada ao freguês realizar as suas compras em meio à desordem que se instala mediante o fluxo indiscriminado de pessoas, todavia, a atmosfera ruidosa e o movimento de passos acelerados é uma característica peculiar de um dia de feira, na feira livre de Penedo-AL.

Em meio à desorganização existe também na feira de Penedo ambientes mais tranquilos, a exemplo o mercado municipal, localizado na Avenida Floriano Peixoto, iniciada sua reforma pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN em 2008. Este é circundado por lojas, restaurantes, lanchonetes e açougues, internamente, abrigam em boxe lojas de enfeites e decoração, produtos artesanais, bijuterias e serviços como relojoeiro, alimentação e terminais de caixas eletrônicos com a finalidade de proporcionar maior comodidade a população penedense.

Contracenando com a calma do mercado municipal encontra-se defronte o Pavilhão da Farinha, lugar de grande circulação de pessoas, localizado entre as ruas Sabino Romariz e a Praça Costa e Silva, também reformado pelo IPHAN no ano de 2010, atende a venda de cereais, laticínios e derivados de mandioca, bem como quiosques de comidas e bebidas que ladeiam o prédio. Nas proximidades do Pavilhão da Farinha encontra-se a Praça Costa e Silva que forma o coração da feira, agregando em maior quantidade o comércio de roupas confeccionadas, produtos eletrônicos, consertos de relógios, frutas, verduras e cereais.

Uma das ruas mais frequentadas pelos fregueses é a Rua Francisco Freire, esta, é conhecida como feira do peixe, devido à comercialização de várias espécies de peixes em um aglomerado de bancas, bem como outros pescados. A venda se dá em um espaço inapropriado, a rua é estreita e a infraestrutura não oferece o suporte adequado aos feirantes, as bancas são de madeira favorecendo a contaminação do peixe, não existem lixeiras nas proximidades e as vísceras são depositadas embaixo da banca.

Em meio a um odor característico de pescados, diversos feirantes com olhos atentos, tentam atrair o freguês chamando-o para a sua banca, gritam os preços tentando convencê-los a comprar seu produto. Os fregueses transitam olhando, pechinchando e quando convencidos pedem para tratar o peixe, que nada mais é que, descamar e desviscerá-lo, o feirante com rapidez o faz, terminado, embala e entrega. Efetuada a compra, o freguês parte para outras bancas a fim de continuar a fazer a feira. É comum ter próximo à banca do peixe outras bancas que se encontram o coco, o coentro, o limão e verduras, produtos que servirão como ingredientes para o preparo do peixe. A localização dessas bancas é estratégica, uma vez que o freguês compra o peixe e possivelmente também comprará os ingredientes para prepará-lo.

A “feira do peixe”, como popularmente convencionou-se chamar esse espaço, agrega vários tipos de pescados, provenientes do rio São Francisco, do mar, bem como de criatórios em cativeiro; é comum encontrar-se moluscos como: ostras, sururu e maçunim, crustáceos como caranguejo, sempre em duas variedades o uçá e guaiamum e o camarão procedente do rio e do mar.

Apesar de suas deficiências estruturais a “feira do peixe”, carrega, a importância de comercializar o produto que simboliza toda a região do Baixo São Francisco, “o peixe nosso de cada dia”, ainda que grande parte não seja o peixe nativo do rio São Francisco como o tambaqui e tucunaré que são advindos da Amazônia.

O peixe continua sendo de grande valia tanto para o feirante que o comercializa, quanto para o freguês que tem a possibilidade de obter um alimento essencial a sua dieta e responsável pela manutenção de várias famílias penedenses.

4 REPENSANDO O RIO SÃO FRANCISCO E A FEIRA LIVRE DE PENEDO-AL PARA O TURISMO CULTURAL: UM ROTEIRO POSSÍVEL

Penedo carrega a imagem de cidade turística graças a seu patrimônio arquitetônico, o mesmo é herança de uma época em que o Rio São Francisco se apresentava como rota principal para os desbravadores europeus.

Foi no período colonial que Penedo-AL se ergueu, ganhou atenção de povos que possuíam hábitos e costumes diferentes, mas que reconheciam o valor de uma

localização estratégica, assentar casarões nas proximidades do Rio São Francisco representou algo além da construção de mais uma cidade, representava a estruturação promissora à margem de um rio de possibilidades e oportunidades.

Com o passar dos séculos, o Rio São Francisco ganhou novas funcionalidades, agora não serve somente como rota de comércio e transporte, mas também como atrativo turístico que Penedo-AL dispõe, entretanto, com o incremento das novas funcionalidades adquiridas, são notáveis as mudanças que acabaram ocorrendo com o passar dos séculos, uma vez que já não existe o tráfego de embarcações como acontecia outrora, bem como a atividade pesqueira que há muito vem diminuindo, diminuição ocasionada pelos impactos ambientais causados pelas ações do tempo e do homem.

O rio São Francisco, assim como a feira livre de Penedo são de grande importância histórica, econômica e cultural, especialmente pela simbologia e relevância no contexto do turismo da cidade de Penedo que se apresenta em desenvolvimento. Ambos, rio e feira, abrigam várias formas de comércio e expõem parte do saber fazer penedense. Os atrativos são bastante diversificados e vão desde o espaço natural de subsistência e comercialização as artes de fazer, dizer e nutrir do povo penedense, constituindo-se em espaço propício para o desenvolvimento do turismo cultural.

As demandas dos turistas na sociedade atual estão atreladas a oportunidade de vivenciar uma experiência. O turista deseja, entre outras coisas, rever seus conceitos, desmontar os estereótipos, agregar um valor, aprender algo, sonhar e, principalmente, se emocionar. Dessa forma é necessário o planejamento e desenvolvimento de atrativos diversificados que possam oportunizar vivências e experiências únicas.

É necessário entender, que o turista hoje tem expectativas que vão além da contemplação passiva dos atrativos. Esse novo perfil de turista, ativo e criativo, quer realizar um desejo além de se sentir um ator importante na construção do destino visitado. Este turista, que está cada vez mais autônomo e bem-informado, busca envolver os parentes e amigos nesse processo, fazendo com que a viagem não seja somente lazer, mas também uma atitude militante de partilhar o ambiente, a comunidade visitada e a cultura local, vivendo experiências inesquecíveis e obtendo o poder de convencer os próximos a tomarem essa atitude; viajar com inteligência (TOUR DA EXPERIÊNCIA, 2010, p. 07).

Estimular uma consciência de valorização econômica e cultural torna-se necessário, através da estruturação de um itinerário turístico. Segundo Ramos (2012) o itinerário é uma forma de expressão que tem por objetivo explicar algo a alguém, utilizando-se de ferramentas da comunicação. Nesse contexto, o itinerário possui condições e mecanismos que são capazes de fomentar a valorização das expressões culturais presentes no ambiente do rio e da feira por meio da valorização do patrimônio material e imaterial da cultura penedense.

O rio São Francisco e a feira livre podem compor um itinerário turístico diferenciado, com o objetivo de despertar do olhar do turista por meio da experiência estimulada por vários meios de interpretação, como a reconstrução de acontecimentos através de músicas, poesias e narrações de fatos que foram importantes para a construção do espaço e da identidade do povo penedense.

Os feirantes, por sua vez, teriam a possibilidade de enaltecer os seus produtos, angariar lucro, fortalecer o sentimento de pertença pelo rio São Francisco, Feira livre e cidade de Penedo de modo geral, compreendendo a dinâmica da atividade turística e a possibilidade de inserção.

O turismo não pode ser apresentado aqui como a “tábua de salvação” para solucionar os problemas de Penedo no que diz respeito ao rio São Francisco e a feira, mas pode ser entendido como a alavanca capaz de impulsionar e despertar gestores e empreendedores para vislumbrarem as potencialidades que a cidade dispõe.

5 A FEIRA LIVRE DE PENEDO COMO ATRATIVO TURÍSTICO: A VISÃO DO FEIRANTE

Foram entrevistados feirantes que exercem a atividade há mais de 30 anos, a fim de apreender as representações que tais sujeitos possuem sobre a feira e todo o seu processo de transformação.

Os feirantes revelam uma certa nostalgia, ao considerarem que a feira era melhor antigamente sob o argumento de que existiam menos feirantes e, que acontecia somente durante dois dias, sexta e sábado. Atualmente é uma feira fixa, ou seja, acontece todos os dias.

Em relação às motivações para a prática da comercialização observou-se que foram motivados pela tradição familiar e principalmente, pela falta de oportunidade

de outro tipo de emprego em função do baixo grau de escolaridade. Como bem protagonizam os feirantes Roberto e Valdeci:

“Por que meus pais vendiam também, eu vinha com ele pra feira depois ele se aposentou, não quis mais vender e eu fiquei no lugar dele”, Roberto (vendedor de carne).

“Por que quando a gente não tem um grau de estudo mais alto, não se dedicou ao estudo, se acomodou, fiquei no comodismo e só restou a feira, tanto é que eu já vou me aposentar e é essa a situação”, Valdeci (vendedora de roupas confeccionadas).

Verifica-se que o feirante não valoriza sua atividade e apresenta uma baixa autoestima, de forma que a feira ficou em sua vida como falta de outra alternativa para a própria sobrevivência.

O caráter tradicional, econômico e a ambiência da feira tornam-se os fatores determinantes para que os feirantes continuem exercendo essa atividade.

Os feirantes relatam que a feira passou por muitas mudanças em sua dinâmica, principalmente às vendas e a disposição das bancas gerando, entre outras coisas, a diminuição do movimento, mesmo assim, todos afirmam que a feira continua sendo a única fonte de renda e sustentáculo para manter suas famílias.

Quando questionados a respeito do desenvolvimento do turismo cultural na feira, contatou-se que a percepção do feirante perpassa questões sociais, ambientais e estruturais.

No que diz respeito às questões sociais, os feirantes estão acostumados com o seu dia a dia e, não conseguem elencar nenhum atrativo na feira livre que poderia vir a ser a força motriz para criar um produto turístico. Mesmo sem conseguirem indicar motivações para um turista vir a Feira livre de Penedo, os feirantes desejam que eles venham a fim de aumentar a sua renda. O turista, nesse contexto é visto e desejado através do atrativo econômico que pode proporcionar e não há, nem mesmo, uma noção de que a feira é um patrimônio cultural de valor significativo para a cidade de Penedo.

No que tange as condições ambientais, os entrevistados identificam problemas de infraestrutura básica como a ausência de lixeiras, banheiro, organização das bancas e ordenamento do espaço.

Na questão estrutural a feira necessita de vagas de estacionamento, ordenamento dos setores, disciplinamento do tamanho do boxe ou banca e alinhamento dessas estruturas, bem como, organização de modo geral.

Ao reorganizar a paisagem da feira sem alterar a autenticidade desse ambiente, o fluxo de pessoas poderá aumentar e os turistas que visitam a cidade de Penedo poderão circular nesse espaço adquirindo conhecimento através do saber fazer do povo penedense.

6 A FEIRA LIVRE DE PENEDO COMO ATRATIVO TURÍSTICO: A VISÃO DO PODER PÚBLICO

Em entrevista ao poder público da cidade de Penedo, na pessoa de Pedro Soares da Silva Neto (Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio, Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia), quando questionado a respeito da importância da feira o mesmo ressaltou que,

“A importância dela para a economia é vital. Mas hoje ela já está precisando de uma séria reorganização, porque já não está com esse movimento econômico tão forte como ela tinha”. Pedro Soares (Secretário).

Torna-se importante também pelo fato de ser,

“na feira que temos o real entendimento de como é a comunidade da cidade”. Pedro Soares (Secretário).

Ela é capaz de refletir os saberes, fazeres e costumes de um povo. Quando questionado a respeito do desenvolvimento do turismo cultural e os possíveis limites que o inviabilizam na feira, explanou que os problemas estão atrelados a fatores culturais e econômicos.

No que se refere ao fator cultural, o Secretário dá evidências de sua percepção acerca da problemática ressaltando que

“a cultura do povo é um dos maiores problemas, a falta de educação atrapalha em todos os contextos especialmente na esfera ambiental”. Pedro Soares (Secretário).

Isso reflete as condições atuais da feira livre, uma vez que carece de melhorias nas questões higiênico-sanitárias. Observa-se ainda que os feirantes não permitem que a municipalidade faça a limpeza, pois, colocam as bancas no encostamento onde passam as águas pluviais dificultando a higienização do espaço. Nesse contexto, há necessidade de sensibilização por parte de feirantes e fregueses.

No fator econômico identificou-se a falta de inovação, de visão empreendedora e de investimentos para o desenvolvimento da atividade turística. O

mercado apresenta-se cada vez mais competitivo e se faz necessário inovar, criando novas estratégias a fim de consolidar um produto turístico.

Segundo o Secretário a visão empreendedora desses feirantes é um pouco reduzida, não atentando para as mudanças do mercado, para a formulação de estratégias de fidelização de seus clientes ou ainda para os avanços da tecnologia da informação que permitem a divulgação de produtos e serviços. Esses feirantes estão em um ambiente que contracenam com supermercados e lojas, dessa forma a criatividade e inovação se fazem necessário.

Quando questionado a respeito da existência de projetos para o desenvolvimento do turismo na feira o Secretário ressaltou que,

“existe uma ideia, não existe um projeto pronto, nós só poderemos resolver isso quando a feira estiver organizada, porque é um risco levar um turista para a feira hoje”. Pedro Soares (Secretário).

Parte-se do pressuposto de que se o ambiente não estiver organizado proporcionará ao turista uma experiência negativa, impossibilitando o retorno ou ainda divulgação do que poderia vir a ser um destino.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo cultural é um segmento do turismo capaz de valorizar os bens materiais e imateriais da cultura, nesse contexto de valorização cultural, percebe-se a importância do rio São Francisco, bem como da feira livre para o desenvolvimento da atividade turística no município de Penedo-AL, principalmente como elementos geradores de renda que beneficiam não somente os ribeiros e feirantes que desenvolvem a prática da comercialização, mas a um contingente de pessoas que direta ou indiretamente usufruem de seus recursos.

O cenário para o desenvolvimento do rio São Francisco, assim como da feira livre de Penedo frente ao turismo cultural é promissor, uma vez que ambos detêm grande potencial. Verifica-se a necessidade de ações de educação patrimonial com os feirantes a fim de sensibilizá-los para a importância da feira e possibilidade de sua inclusão no turismo do município. O poder público, por sua vez, precisa reordenar o espaço e dotá-lo da infraestrutura necessária para a exploração turística.

O desenvolvimento dessas potencialidades depende, portanto, dos pilares poder público municipal, iniciativa privada e comunidade local que, com ações

integradas e visão holística do fenômeno, possibilitarão o estreitamento da lacuna existente entre o potencial e o não efetivo desenvolvimento do turismo cultural no município de Penedo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. **Fazendo a Feira: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da feira livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG.** 2009. Dissertação de mestrado (Desenvolvimento Social)- Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2009.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA. XII. **As Feiras como Espaços Públicos de Sociabilidade, Representação e Desenvolvimento para as Urbes Portuguesas e Brasileiras.** Porto, 2010.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DOS VALES DO RIO SÃO FRANCISCO E DO PARNAÍBA. CODEVASF. Disponível em: <<http://www.codevasf.gov.br/>> Acessado em: 30/10/2015.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 1996.

GOLDINHO e GOLDINHO. Hugo Pereira; Alexandre Lima. **Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais.** Puc Minas 2003.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem.** Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1976.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE Cidades. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 03/04/2015.

MAIA. Raul. **Projeto Cultural: Manual Global do Estudante.** São Paulo. Difusão Cultural do Livro. 1999.

MINISTÉRIO DO TURISMO, Mtur. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Livro_Cultural.pdf> Acesso em: 16/10/15.

PENEDO. Prefeitura Municipal. **Secretaria de agricultura abastecimento e desenvolvimento agrário.** 2015

RAMOS, Silvana Pirillo. **Planejamento de roteiros Turísticos.** Porto Alegre, Asterisco, 2012.

SANTOS. Milton. **Espaço e Método.** São Paulo: Ed.Universidade de São Paulo, 2008.

TUAN. Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Traduzido: DIFEL, 1980.

TOUR DA EXPERIÊNCIA (2010) disponível em
<<http://www.tourdaexperiencia.com/>> Acesso em 18/05/2015.

ZAMBI, Maria Madalena. et al. **Inventário Nacional de Referências Culturais de Penedo/Alagoas.** 2010.